

# Infância

Que educação quero para o futuro?



Agnes Hirata

A campanha "Que Educação quero para o futuro" é organizada pela Bookess Editora e Livraria Internacional SBS, através de seu programa SBS +Educação.

BOOKESS  
SBS  
+EDUCAÇÃO

# **QUE EDUCAÇÃO QUERO PARA O FUTURO?**

**Agnes Marisa Cruz Hirata**

# INFÂNCIA



**Agnes Marisa Cruz Hirata**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço meu pai pelo primeiro incentivo em escrever, pelo livros de pintar, pelos livros de leitura, pelo exímio professor que se transformava sempre que precisávamos, muitas saudades. A minha querida mãe por toda dedicação, perseverança e luta.

Agradeço meus irmãos, Douglas, Ronaldo, Rosana e minha prima Fabiana, por caminharmos juntos nesta jornada neste plano terrestre. A minha querida tia Pola, por toda proteção e cuidados que sempre teve conosco, gratidão eterna.

Agradeço Darlene Aparecida Novas e Ana Claudia Ferreira Menezes Silva, pelo incentivo em expressar-me sobre o tema desta campanha. Agradeço Tania Vieira Calça e Sandra Papesky Sabbag, por dedicarem seu tempo, na leitura de meus textos, apoiando-me e valorizando-me. Sidmar de Araújo Menezes e Maurício Caetano de Andrade, pelo auxílio nas configurações e imagens.

Agradeço à SBS Livraria Internacional, pela iniciativa desta campanha, pela busca incessante à inovação e valorização da educação. E a plataforma Bookess, por possibilitar a visualização e divulgação de todos os trabalhos publicados.

Agradeço à todos os meus professores, em especial, carinho enorme por minha primeira professora Eliza Balduino da Silva, onde quer que esteja, guardo doces lembranças.

O texto trata-se de algumas lembranças marcantes em minha infância, das brincadeiras, sonhos, questionamentos e sentimentos. Que vocês leitores através destes pequenos trechos possam também viajar nas suas lembranças inesquecíveis, do início de sua vida escolar, e de todo universo de uma criança.

## SUMÁRIO

<b>Uma grande brincadeira.....</b>	<b>05</b>
<b>O exemplo.....</b>	<b>07</b>
<b>Ansiedade sem fim.....</b>	<b>08</b>
<b>Desafios, medos e arrependimentos.....</b>	<b>10</b>
<b>Outras estórias.....</b>	<b>14</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>17</b>
<b>Nota da autora.....</b>	<b>18</b>

## Uma grande brincadeira

Dias de trabalho árduo mas prazeroso, no período em que antecedeu a minha vida dentro de um ambiente escolar. Lembro-me de meu pai comprar toda semana um caderno de caligrafia no mercadinho da dona Teruko. A cada semana o tema variava. Meu pai escrevia o nome de cada familiar e eu copiava . Nome de todos os Estados do Brasil e eu copiava, e assim por diante. A minha pré escola , foi em casa mesmo, porque na época, em 1978 não havia a obrigatoriedade desta etapa.

Brincava com meus irmãos e minha prima, de escola. Era a professora, e por ser a mais velha das meninas, tinha prioridade na escolha dos personagens. Gostava disso! Mas, cansávamos rápido e desmontávamos a sala de aula.



Junho/1975

Da esquerda para direita, Rosana e Douglas meus irmãos, Fabiana, minha prima, eu e meu irmão Ronaldo

Adorava montar uma banca e vender. Papai comprava material escolar por atacado porque era mais barato. Arrumava cada item em cima de uma madeira suspensa por dois bancos. Brincávamos com dinheiro sem valor. Oferecia como os feirantes faziam, mas meus irmãos apenas escolhiam, não pagavam, e queriam levar embora. Ficava brava!

Nossas bonecas tinham um furinho no bumbum, vacinava todas! e as meninas imitavam o choro do bebê. Faziam fila do lado de fora da porta do quarto de minha mãe. Conseguia convencer minha mãe da minha responsabilidade, e ela, ainda que retrucando me deixava ficar com uma injeção com agulha.

Ah.... me sentia, a médica em pessoa.

## O exemplo

Até que num destes belos dias, de tentar convencê-la a fazer o que queria, o tiro saiu pela culatra. Somos em quatro irmãos, 2 meninos e 2 meninas. Gostava de brincar na rua, como os meninos; andar de bicicleta, apostar corrida, brincar de esconde-esconde, como amava isto. Meninas Jogarem futebol naquela época era bem mal visto. Gostava da vida que os meninos tinham, porque podiam ficar até mais tarde na rua, e nós éramos recolhidas mais cedo. Fui entender esta preocupação bem mais tarde, porque não conhecia ainda a maldade humana.

Mamãe precisava ir ao mercadinho próximo de nossa casa, queria acompanhá-la, mas queria ir somente sem a minha camiseta, só de shorts como os meninos. Mamãe me chamou atenção, mas acabou deixando ir a contragosto desta forma. Compramos o que precisava e contornamos a esquina seguindo o caminho de casa. Na esquina do outro lado da rua, vejo a minha coleguinha de sala Sandra e sua mãe. A mãe dela, era destas mulheres grandes, altas e sérias também. Sandra estava de banho tomado, com seus cabelos curtos e molhados, preso com uma pequena fivela do lado, lembro-me das sardas em seu rosto, estava com uma calça comprida e blusinha. Olhei para mim, sentindo um forte calor em minha face, mas acho que disfarcei bem. Este foi o primeiro grande vexame de minha vida! Mamãe, também se sentiu constrangida e chamou-me atenção novamente! Nunca mais sai de casa, sem "estar em ordem".

## **Ansiedade sem fim**

Apesar desta desobediência, havia sim disciplina, hora de estudar, e hora de brincar. Lidava bem com isto, porque gostava de escrever, pintar, desenhar, e ler, na verdade, já era uma grande diversão.

Douglas, o meu irmão mais velho já havia iniciado os estudos 2 anos antes. A ansiedade me fazia pular fácil da cama, todas as manhãs. As minhas meias enroladas delicadamente dentro do meu sapato preto modelo boneca, calça salmão, blusinha e avental branco dobrados sobre a cadeira; e o principal, claro, o mais importante, a minha mala preta de material escolar. Tudo guardado nas suas devidas repartições, e conferido com cuidado diversas vezes no dia anterior. Também cheirava o material novo em folha. Coisa de doida!

O que me deixava preocupada , era ver em muitas manhãs, minha mãe, vestir o Ronaldo, o meu irmão mais novo, na cama; meias, calça, camisa .... ufa , ele era ruim de levantar. Preocupada ficava, do portão da escola se fechar, e não conseguir entrar por conta do atraso dele!

Já minha irmã Rosana, da mesma idade do meu irmão caçula, porque são gêmeos, tão responsável, e tão mais calma e tranquila. Não sei como ela conseguia!

Pés pequenos... pés a balançar ao vento. Onde tudo é grande, mas o coração abrange, porque tudo se ajeita e se faz festa. Alegria do aprender. Sede enorme do saber. Oh, grande mundo, te quero para mim. E, todos os dias estar aqui. Meu universo sem fim!

Este era o meu sentimento em relação a escola!

## **Desafios, medos e arrependimentos**

No meu primeiro dia de aula, lembro-me de estar sentada na primeira ou segunda carteira, da fileira do meio. Olhei para minha direita e havia crianças chorando, olhei para minha esquerda e também observei que outras crianças choravam, comecei a chorar também. Mas, parei rápido e sequei as lágrimas. Não tive dificuldades de aprendizagem quando iniciei a minha vida escolar, como já sabia escrever e conhecia bem as letras, comecei a ler bem rápido. Apertava forte o lápis contra o meu caderno brochura, encapado com capa xadrez. Mãozinhas morenas de pulso fino, e firme, olhar atento a copiar letras arredondadas e bem desenhadas. Mas, não entendia por quê minha tia Pola chamava de quadro negro se a lousa da escola era verde. Gostava de escrever com giz. Tinha uma lousa em casa, esta sim era negra. E adorava escrever na lousa da escola, passar a lição, e depois apagar.

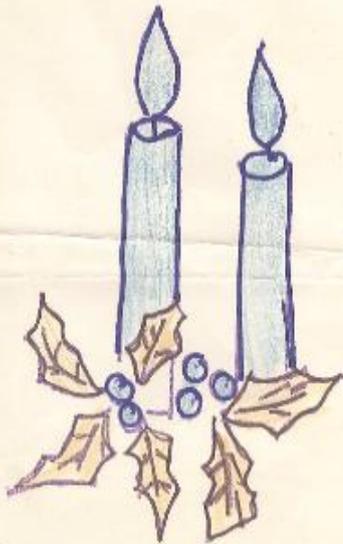
A minha primeira professora se chamava Eliza, gostava quando ela passava de carteira em carteira colocando um carimbo com um bonito desenho. Que me lembro, ela era uma mulher magra de cabelos negros e sobrancelhas grossas, paciente e meiga conosco. Não sei por qual razão teve de abandonar a turma. Fiquei preocupada. Numa bela manhã, enquanto todas as turmas de todas as salas estavam no pátio do recreio, todos nós enfileirados, por que íamos cantar o Hino Nacional, eis que surge ela a minha querida professora Eliza, que seguiu em direção a uma das professoras para conversar. Ela estava bem na minha direção. Tive uma vontade enorme de correr e abraçá-la, mas me contive, e imaginei que ela voltaria novamente para ocupar o posto que sempre foi dela em nossos corações. Mas, os dias, e meses foram passando, e ela nunca mais voltou. Me arrependi amargamente de não ter tomado aquela atitude, naquele momento, para que soubesse o quanto gostava dela e ansiava pelo seu retorno.



A Escola agradece a  
laboração dos pais e  
deseja-lhes

Boas Festas e

Feliz Ano Novo  
e a professora também  
Olga Balduino da  
Silva



1980

Agnes Maira da Cruz H.

Com. e Expressão	(B)
Matemática	(B)
Est. Sociais	(B)
Sci. e Saúde	(B)



... Natal e o Ano  
Novo se apuro  
... aproveitamos a oportunidade para desejar  
a você que estuda nesta escola este ano, o  
voto de um natal feliz e de um ano novo  
cheio de realizações, especialmente a sua fami-  
lia. Que o menino Jesus cubra de bênçãos sua vida

Sempre tive medo de me expor, e anos mais tarde, evitava ao máximo participar de peças teatrais, preferia obter nota realizando alguma outra tarefa. Certa vez, em um desfile de 7 de setembro, não aceitei me vestir de kimono e adereços orientais por pura vergonha. Já pensou... andando assim na Avenida Ipiranga, por um bom percurso e sendo o centro de atenções. Tropeçaria na calçada, com aqueles chinelos orientais.

Lembro-me também do desastre que foi a apresentação na aula de História. A minha professora chamava-se Olivia, ela era bem alta, magra, tinha as pernas e braços bem compridos e finos, cabelos pretos e ondulados. Sempre fui muito observadora, percebia que algo incomodava a minha professora, muitas vezes deparava com seu olhar triste e pensativo. Às vezes perguntava algo da matéria, ou da tarefa, mas sem muita importância, para que pudesse fixar bem meus olhos, no olhar dela. Queria que ela fosse feliz ou que pudesse sorrir mais. Em uma de suas aulas, tinha uma apresentação oral de um trabalho. Até que os meus colegas que se apresentaram primeiro, se saíram bem. Havia chegado a minha vez, não tinha como fugir, e lá fui eu. Na metade de minha apresentação, esqueci o que tinha de falar....deu aquele famoso "branco total". E eu, ali, de pé, com todo mundo olhando para mim, travei e chorei. O pior de tudo foi chorar enquanto a professora Olivia ria. E, por surpresa minha, meus colegas foram bem solidários, não escutei uma risada deles. Fiquei magoada com ela. Mas, tempos depois achei que com aquela atitude, talvez, quisesse mostrar, que o que aconteceu, não merecesse tamanho sofrimento de minha parte. Na época não entendi assim.

Anos mais tarde, meu pai comprou um automóvel, chevette ano 75 de cor branca, eu e meus irmãos mais novos gostávamos de entrar dentro do carro e fingir que estávamos dirigindo. Em um destes dias, minha prima Fabiana chegou e queria entrar. Não deixamos e ainda ficamos rindo e cantando. Ela ficou chorando do lado de fora do carro, e nossa tia Pola, a recolheu aos prantos para dentro de casa. Minha mãe ficou muito brava conosco, e nos repreendeu. No dia seguinte, minha prima não queria conversar conosco, com toda razão. A magoei, me arrependi muitíssimo da brincadeira, desculpe-me. Mas, tivemos que reconquistá-la novamente. Depois de algum tempo, estávamos juntas brincando de novo. Nunca mais algo parecido aconteceu.

## Outras estórias

Era uma criança, que gostava de brincar mesmo. De praticar esporte, andar de bicicleta, jogar bola, correr. Lembro-me do meu tampão do dedão do pé estar sempre aberto, ora fechava, ora me machucava novamente. A cicatrização era rápida. Os pais podiam ficar na frente de suas casas, conversando com os vizinhos, sem medo de assaltos ou coisa pior.

Na escola gostava das aulas de educação física, principalmente para jogar vôlei e praticar salto em distância. Detestava fazer aquecimento, mas era necessário.

A minha professora de educação física se chamava Elizabete, todos chamavam-na de Bete.

Ela colocava na quadra alguns colchões verdes, empoeirados e já um tanto velhos, arrumava enfileirados. Nós tínhamos que correr, tomar impulso, bater o pé antes da risca, e saltar para cairmos sobre estes colchões, de maneira que pudéssemos cair a uma distancia mais longe possível, mas sobre os colchões, de preferência; pois caso contrário o estrago seria grande.

Certa vez, esta professora chamou a atenção de outras professoras que estavam na porta da sala de aula, para me verem saltar. Ela achava que meu impulso era muito bom e que eu chegava a voar.

Sem querer me gabar, era boa nisto!

Mas, neste momento o meu salto não foi bom e acabei me machucando.

Bete pretendia me levar para participar de campeonatos de atletismo. Nesta época queria mesmo é ser uma atleta. Senti medo, mas ao mesmo tempo uma grande vontade de participar. Infelizmente tempos depois esta professora ficou muito doente e foi substituída por outra. A minha participação no campeonato foi esquecida. Soube do falecimento da professora Bete. Muito triste!

Temia que a professora Vera, fosse nossa professora de português, diziam que ela era muito rígida, mas nunca tive aula com ela. Tive uma professora de português que se chamava Dóris, nunca tinha visto pernas tão compridas! A sua altura, possibilitava conseguir começar a escrever no cantinho superior da lousa. Imaginava que se tivesse o mesmo tamanho que ela, certamente me tornaria uma jogadora de vôlei, como Isabel, ou talvez poderia ser mais bem sucedida no salto em distância, como João do Pulo.

Em uma das aulas, a classe estava conversando muito, e como castigo, ela pediu para que todos fizessem três redações, de temas livres, para serem entregues no dia seguinte. Houve protestos, dos que estavam calados, mas foi inútil. Como entregar três redações, se uma já quebrava a cabeça, para fazer? Nunca fui de redigir longos textos. Quando esta atividade acontecia em sala de aula, me desesperava um pouco, porque demorava um pouco mais que meus colegas para iniciar o texto, mas graças a Deus, depois desenvolvia bem, procurando sempre um desfecho para a estória.

A tarefa foi entregue no dia seguinte. No entanto, não achei que foi um bom trabalho.

Lembro-me de ser uma aluna esforçada para manter a nota B ou A, tinha que me esforçar muito para manter a média, costumava anotar tudo, e nunca fui a cdf (cabeça de ferro) da turma, mas era uma aluna competitiva, estudava em escola pública, e mesmo naquela época, digo década de 1980, o ensino público já era considerado fraco.

Os anos foram passando e gostava de me sentar na fileira do meio, agora já entre a segunda ou quarta carteira. Desta posição conseguia acompanhar bem as aulas, e estava rodeada por alguns colegas que também eram muito dedicados. Ao mesmo tempo em que esta posição de lugar, me possibilitava saber o que acontecia do meio para o fundo da sala. Não gostava de panelinha (grupo restrito de pessoas, um grupo fechado), apesar de muitas vezes dar a impressão que fazia parte de uma. Por diversas vezes, durante intervalos de troca de professor, ou mesmo no horário de recreio, procurava me aproximar e puxar assuntos com outros colegas de sala, sentia a necessidade de interagir com todos meus colegas de sala.

Quando estava na sétima série do primeiro grau, percebi que ficaria com uma nota baixa em um dos bimestres, na minha carteira escolar, nota D, uma tragédia! Tentei convencer com a minha professora Suzana de Geografia, a aplicar outra prova, fazer um trabalho escolar... impossível.

Ela era uma senhora, de cabelos curtos levemente grisalhos e ondulados, tinha um timbre de voz alto, era um pessoa doce, transmitia amor; seu marido também lecionava na mesma escola, a matéria de Educação Moral e Cívica, e OSPB (Organização Social e Política do Brasil), acho que o nome dele era José Roberto. Ela me disse assim: qual o problema? Este nota não fará você reprovar! É só a primeira. Na próxima você recupera. Aprendi muito a partir desde momento. Que não pode ganhar sempre, e que isto não me fez ser pior que ninguém. Ela foi firme e ao mesmo tempo carinhosa.

## CONCLUSÃO

E o que eu quero dizer com todos estes episódios de infância?

Que há em todo pedacinho de gente, um coração pulsando incessantemente, um brilho no olhar, uma curiosidade infinita. Brincadeiras, fantasias, e sonhos, que há um perceber o outro, um querer bem, um sincero sentimento de amor, de saudade ou arrependimento, um aprender muito mais pelo exemplo, que pelas palavras!

E aprender que não se pode ganhar sempre, que erros fazem parte do nosso crescimento; que se desculpar é importante, e perdoar, e se perdoar também.

Educadores, que tenham amor, paciência e a sabedoria, para não permitir que o medo, ou a timidez impeçam seus alunos de prosseguir, de enfrentar, de ultrapassar seus próprios limites.

"Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível." São Francisco de Assis.

Que possamos todos nós, família, pais, educadores e sociedade, dar à estes corações inquietos, à nossa atenção, apoio, participação, compreensão e amor.

Sucesso à todos

Agnes Marisa Cruz Hirata

## **Nota da autora**

Nestes episódios, partilhei de todos os meus sentimentos com vocês, numa viagem incrível às minhas memórias.

Ainda hoje, depois de adulta, sinto medo, porque somos humanos. Mas vivenciar a felicidade resultante da superação, é uma alegria incomparável !

Não me tornei uma atleta profissional, e confesso, que mesmo nos finais de semana, deixo a desejar, deveria me exercitar mais.

Minha formação foi na área contábil, atuando a muitos anos no setor financeiro.

Que estes episódios de minha vida, possam inspirar especialmente os profissionais ligados à área educacional.

E, novamente agradeço à todos que contribuíram de alguma forma para realização deste trabalho.

# BOOKESS <sup>SBS</sup> +EDUCAÇÃO

A campanha "Que Educação quero para o futuro"  
é organizada pela Bookess Editora e SBS Livraria Internacional,  
por meio de seu programa SBS +Educação.

[www.sbs.com.br/sbsmaiseducacao](http://www.sbs.com.br/sbsmaiseducacao)

[www.bookess.com/sbsmaiseducacao](http://www.bookess.com/sbsmaiseducacao)

**SBS** | livraria  
internacional

[www.sbs.com.br](http://www.sbs.com.br)